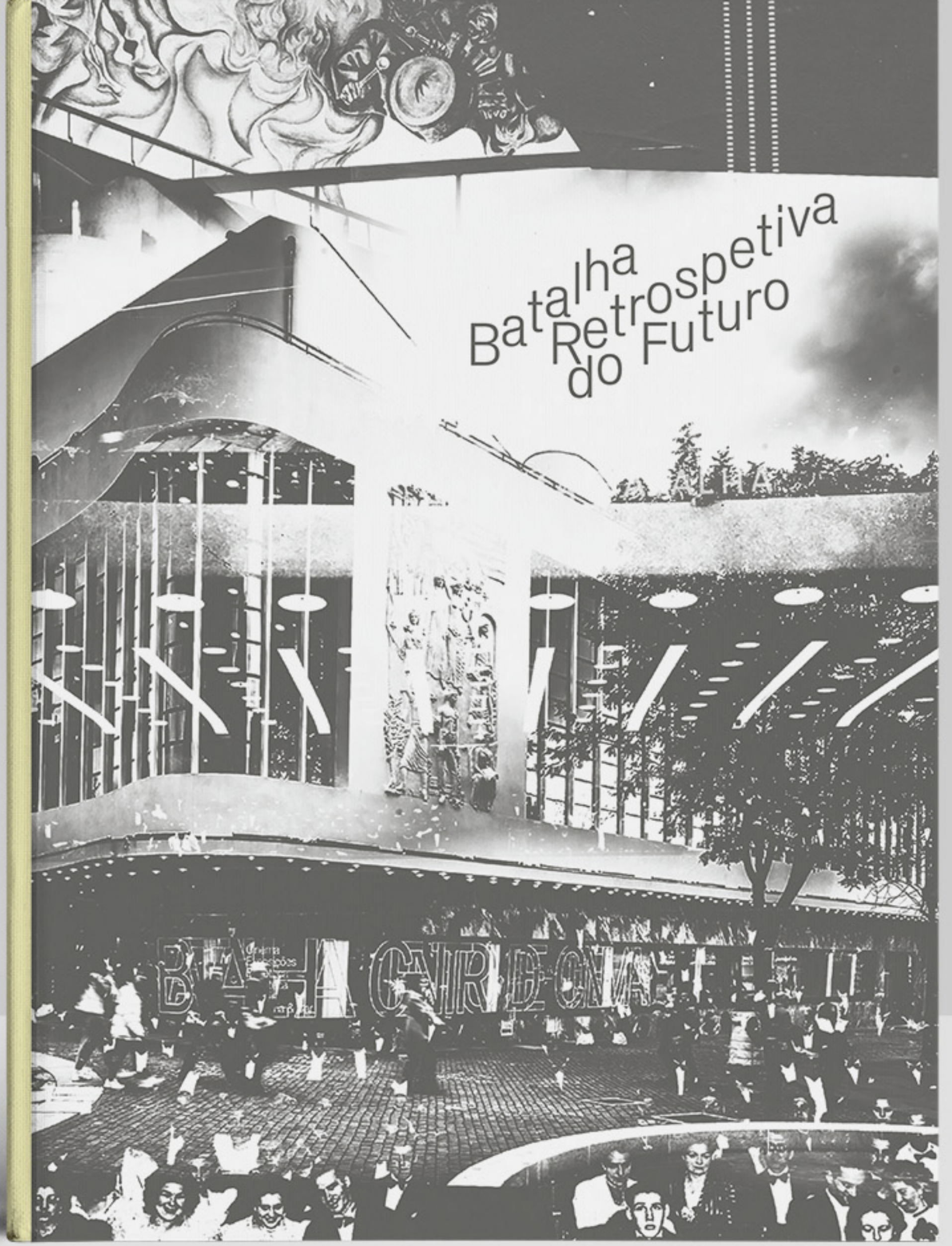




Batalha Retrospectiva do Futuro

BATALHA CENTRO DE CINE E TELEVISÃO

Artur Andrade: um arquiteto moderno no Porto

Ana Alves Costa

Artur Andrade: um arquiteto moderno no Porto

O Cinema Batalha é, sem dúvida, o projeto mais significativo no conjunto da obra do arquiteto Artur Andrade (Porto, 1913–2005). O legado deste autor, reflexo da sua personalidade e do tempo em que viveu, não resulta apenas da sua produção arquitetónica, mas de uma vida caracterizada por um diversificado leque de interesses e de atividades. Artur Andrade foi, antes de mais, um ativista político, tendo tido em jovem um papel ativo na oposição ao regime em vigor. Num país e numa época marcados por um governo de ditadura militar, aquelas atividades obrigavam a ações na clandestinidade, e a uma vida de instabilidade pautada pelas inúmeras detenções pela polícia política de que foi vítima.

Artur Andrade não terá tido a oportunidade de desenvolver tantos projetos de arquitetura como seria de esperar dada a qualidade e originalidade do pouco que nos é dado a conhecer—pouco mais de uma dezena de projetos desenvolvidos entre 1940 e 1989—entre os quais alguns sem especial significado. No entanto, pela análise de algumas das suas obras e projetos que, pelas suas qualidades arquitetónicas, pela sua versatilidade na manipulação dos espaços e dos programas, pela liberdade no manuseamento dos princípios veiculados pelo Movimento Moderno, entre outros fatores, comprovámos constituírem exemplos de extrema relevância no panorama da historiografia da arquitetura em Portugal.

Artur Vieira de Andrade nasce na freguesia de Cedofeita, no Porto, a 14 de Maio de 1913, durante a Primeira República. É o terceiro filho dos comerciantes Clara Rodrigues de Andrade, natural da Galiza e de Manuel Vieira de Andrade, natural do Porto.

Com treze anos, assiste a acontecimentos que irão transformar de forma decisiva a situação política do país. A revolução de 28 de Maio de 1926, pondo termo à Primeira República, conduzirá à implementação de um regime de Ditadura Militar.

Frequenta o antigo Liceu Rodrigues de Freitas onde, ainda jovem, evidencia um certo “espírito rebelde”.¹ Assumindo desde cedo uma atitude claramente ativa politicamente, manda gravar o desenho da ‘foice e do martelo’ nas pastas da escola.

Nos cafés do Porto, na Brasileira ou no Guarany, Artur Andrade integra, a partir dos 16 anos, tertúlias de grupos opositores ao Novo Regime. Convive, então, com algumas das personagens mais importantes da vida cultural da nossa cidade.

Com 18 anos emprega-se como operário numa fábrica e torna-se economicamente independente da família. Em 1933, com 20 anos, Artur Andrade é preso pela primeira vez pela polícia do Regime. A sua militância política antifascista, numa época de ditadura, servirá de razão para as posteriores outras oito detenções pela PIDE. Disso nos dá conta a sua filha quando refere:

“O meu pai tinha uma tipografia montada dentro do seu automóvel e na nossa casa de Latino Coelho existiam muitos esconderijos onde se escondiam papéis de propaganda contra o Regime.”²

Casa-se, aos 24 anos, com Laura Guilherme Mourão Nogueira, natural de Vila Real. É nesta altura que se candidata ao lugar de desenhador na Câmara Municipal do Porto, integrando o respetivo Gabinete de Urbanização. Ali contacta com o arquiteto Arménio Losa (1908–1988), que o convida para trabalhar em horário pós-laboral no seu atelier, e o incentiva a se inscrever no curso de Arquitetura, que frequenta desde 1937. Em 1941, conclui o Curso Especial de Arquitetura da Escola de Belas Artes do Porto e, nesse mesmo ano, matricula-se no Curso Superior daquela escola.

Os primeiros anos em que Artur Andrade frequenta o curso coincidem com os últimos anos de José Marques da Silva, diretor e professor da EBAP que marcará, enquanto transmissor dos ensinamentos *Beaux-Arts*, toda uma geração de alunos que entre 1906 e 1939 (data da sua jubilação) frequentam aquela instituição de ensino. Terá sido aluno de outros importantes professores tais como Aarão de Lacerda, Acácio Lino ou Manuel Marques e, mais tarde, de uma nova geração de professores que a partir dos anos 40 substituem Marques da Silva, tais como Carlos Ramos e Rogério de Azevedo. Artur Andrade frequenta uma escola muito marcada pelo legado destes professores, em particular por Carlos Ramos, e também pela presença de colegas seus contemporâneos que vieram, mais tarde, a notabilizar-se como arquitetos e professores. Referimo-nos, por exemplo, a Agostinho Ricca, ou, de uma geração mais recente, a João Andresen, Fernando Lanhas ou Fernando Távora.³ Contacta ainda com colegas dos cursos de Pintura e de Escultura, tais como Augusto Gomes, Júlio Resende, Alvarez e Arlindo Rocha—alguns dos quais, mais tarde, virão a contribuir com intervenções suas em obras desenvolvidas por Artur Andrade, que sempre defendeu e procurou, na sua prática, a integração entre as diversas Artes.

José Marques da Silva implementou, ao longo da sua vigência enquanto diretor e professor da escola, um sistema de ensino constituído por um conjunto de ações que procuravam contribuir para a formação artística do arquiteto. Segundo Canto Moniz, este sistema inspirado nas *Beaux-Arts*, “dá grande liberdade aos alunos porque a frequência de aulas é facultativa e a inscrição nos concursos também, [permitindo], articular [...] com o trabalho profissionalizante em ateliers”.⁴ Assim, Artur Andrade consegue dar continuidade aos seus estudos, colaborar com Arménio Losa e, ao mesmo tempo, desenvolver projetos da sua autoria.

“De um modo geral, a geração de arquitectos formados na década de 30 reflecte esta forma de pensar e fazer eclética, à excepção dos arquitectos que desenvolveram autonomamente uma formação teórica, um gosto pelo

¹ Laura Rodrigues, em entrevista realizada em 2019.

³ Agostinho Ricca (1915–2010, EBAP: 1932–1941); João Andresen (1920–1967, EBAP: 1939–1948), Fernando Lanhas (1923–2012; EBAP: 1941–1947); Fernando Távora (1923–2005; EBAP: 1941–1952).

⁴ Gonçalo Canto Moniz, *O Ensino Moderno da Arquitectura. A formação do arquitecto nas Escolas de Belas-Artes (1931–1969)*. Porto: FIMS/Edições Afrontamento, 2019, p.43.

moderno ou uma forte oposição política ao Estado Novo. Deste grupo, podemos referir os diferentes percursos de Arménio Losa ou Alfredo Viana de Lima, no Porto, e de Francisco Keil do Amaral ou Celestino de Castro, em Lisboa.”⁵

5 Idem, p.71.

A estes, pensamos poder acrescentar o nome de Artur Andrade.

Em 1942 cria, com o arquiteto Fernando de Sousa e com os engenheiros Bernardino Machado e Oswaldo Santos Silva, a empresa Técnica Fórum, Gabinete de Architectura e de Engenharia, sediada na cidade do Porto.

No dia 6 de Dezembro de 1944, é inaugurada uma das suas primeiras obras, o Café Rialto, localizado no interior do piso térreo do prédio Maurício Macedo na Praça D. João I, que o arquitecto Rogério de Azevedo (Porto, 1898–1983) projetara anos antes.⁶

6 O prédio Maurício Macedo foi projetado entre 1941 e 1942.

A importância deste projeto de Artur Andrade é revelada publicamente alguns meses antes na revista A Architectura Portuguesa, importante meio de divulgação entre os arquitetos da época, que publica um longo artigo acompanhado de vários desenhos do projeto. Neste artigo, pode ler-se que “O café está a ser montado no rés-do-chão do “arranha-céus” da Praça D. João I, devendo gastar-se com as instalações para cima de 1.500 contos”.⁷ Neste artigo, editado um ano antes da primeira publicação do ensaio de Fernando Távora, “O problema da casa portuguesa”, Artur Andrade aproveita para criticar um certo “regionalismo” de “gosto fácil e especulativo” que se tem verificado “ultimamente” na arquitetura portuguesa. Esta crítica, subjacente ao pensamento dos arquitetos que, tal como Andrade, defendiam uma arquitetura moderna, estará patente de forma inequívoca nas suas obras.

7 Artur Andrade, “Café Rialto no Porto”, A Architectura Portuguesa, n.º 109, Abril de 1944, p. 27 e 29.

“No final, sempre arquitectura, sinceridade arquitectural e não a decoração fácil dos ornatos rebuscados, dos gessos e dos pormenores à maneira clássica ou à maneira regional, de gosto fácil e especulativo. Últimamente tem-se explorado a ideia do regionalismo na decoração, interpretando-o como se regionalismo em arquitectura fôsse colecionar numa sala cangas de bois, mantas, beirais de telhado, grades retorcidas, pratos e bonecos, com uma total ausência do sentimento plástico e da verdadeira criação intelectual que existe em todo o trabalho de intenção artística.

A decoração deve partir dos elementos funcionais da construção valorizando-os e atribuindo-lhes expressão plástica.

A decoração do café que vai ser realizado tem a intenção nítida da clareza, da precisão e da exactidão, dando-nos a impressão que nada ali está a mais e tudo tem a sua função utilitária a desempenhar.”⁸

8 Idem, ibidem.

3 A entrada principal no café era feita pela Rua de Sá da Bandeira.
4 Num jogo interessante de diferentes pisos podemos, da entrada,
5 subir para o salão principal—aberto com grandes envidraçados para a rua—ou, por uma imponente escadaria revestida com mármore, descer para um piso inferior onde se organizam outras zonas de estar do café, mais íntimas e recolhidas. O piso superior não ocupa toda a área disponível do piso, abrindo-se em mezanino para o piso inferior. A criação desta grande zona de pé-direito duplo permite que o piso inferior seja abundantemente iluminado por luz natural, para além de acentuar a sensação de grandiosidade espacial e unidade dos espaços que, desta forma, se relacionam e ligam visualmente. Como descreve Artur Andrade o piso superior do café seria destinado “à permanência fugidia, apressada, intimamente ligado com a rua e com o espectáculo que a rua em nossos dias oferece, por isso sóbrio de elementos decorativos. [O piso inferior], destinado à permanência demorada, à conversa dos grupos e das tertúlias e aos que muitas vezes procuram no café um momento de repouso para as suas fadigas, por isso mais confortável e abundante de elementos decorativos que serão o divertimento psicológico do público, e criam o sentimento do espectáculo interior”.⁹ Assim, são convidados a intervir no espaço artistas como Abel Salazar, que desenvolve um desenho mural a carvão no primeiro piso, Dórdio Gomes e Guilherme Camarinha com pinturas murais a fresco e em contraplacado, no piso inferior, e João Fragoso com dois baixos-relevos em cerâmica policromada, um deles localizado na escada principal.

6 As grandes superfícies de parede revestidas com espelhos que
7 ampliam a sensação espacial, os “novos mármore de Leiria, madeiras de caprichoso desenho e bons estofos, constituirão os principais valores da decoração desta sala”.¹⁰

8 Este café deixou de funcionar em 1972 para dar lugar a uma agência bancária, entretanto também encerrada. Hoje, alberga um estabelecimento comercial onde não se consegue identificar qualquer vestígio daquilo que foi outrora o importante Café Rialto.

9 Quatro meses passados após a abertura deste café, no dia 21 de
10 março de 1945, é inaugurada na Rua de 31 de Janeiro, 210, outra obra com grande significado, projetada por Artur Andrade. No rés-do-chão e primeiro andar de um edifício de lote estreito e comprido, pré-existente, característico da cidade do Porto, instala-se a moderna livraria e galeria de arte Portugal. Este empreendimento evidencia-se pelo seu programa inovador que, conjugando diversas valências, procura transformar-se num espaço dinâmico de estudo, divulgação e difusão cultural. Numa cidade pouco cosmopolita à época, e onde o regime político vigente no país controlava qualquer ação que pudesse pôr em causa os ideais conservadores e nacionalistas, é surpreendente que este espaço se tenha conseguido manter, mesmo que por apenas seis anos, entre 1945 e 1951.

9 Idem, ibidem.

10 Idem, p.30.

11 Jornal "O Comércio do Porto", 20/03/1945.

12 Artur Andrade e Bernardino de Barros Machado, in "Memória descritiva e justificativa" constante no processo de Licenciamento da obra. Arquivo Municipal do Porto, Licença de obra n.º: 389/1944.

13 Idem.

14 "O projeto foi seguido por Victor Palla, que entre os anos de 1944 e 1945, durante a sua permanência no Porto, enquanto estudante da Escola de Belas-Artes, foi colaborador do arquiteto Artur Andrade no atelier FORUM. Nessa qualidade, foi-lhe entregue o projeto da Livraria Portugália, do qual fez os desenhos técnicos e cuja obra acompanhou.", in Sónia Moura, Portugália. Uma galeria moderna no porto dos anos 40. Dissertação para obtenção de grau de mestre em Estudos Artísticos. FBAUP. Porto, 2013. p. 56

15 Idem, p. 59.

A sua inauguração é amplamente noticiada nos jornais da época. O jornal "O Comércio do Porto" destaca: "Amanhã inaugura-se a Livraria Portugália. Um Estabelecimento verdadeiramente novo ao serviço da cultura em que sobressai o trabalho do arquitecto Artur Andrade."¹¹

Tal como no café Rialto, através da manipulação de diversos pisos, mezaninos e pés direitos duplos, proporcionam-se efeitos visuais fortes de extrema beleza que permitem ampliar visualmente os espaços, relacionando-os entre si, permitindo a iluminação com luz natural e a criação de efeitos de luz artificial.

O recuo da fachada ao nível dos dois primeiros pisos permite criar um espaço de transição entre o passeio público/rua e o interior do estabelecimento. As montras instaladas neste espaço, mostruários daquilo que se vai encontrar no interior, permitem um momento de paragem, num espaço de abrigo, que convida e antecipa a entrada. O piso térreo é ocupado pela parte pública da livraria e por uma área encerrada de escritórios ao fundo do lote. As paredes da livraria são revestidas por estantes de livros que se organizam, também, em pequenos nichos onde os livros se dispõem tematicamente. Deste piso acedia-se a um mezanino estreito, espécie de varanda de acesso a outras estantes, permitindo, ao mesmo tempo, a duplicação do pé direito do espaço de livraria. Neste piso, ao fundo e sobre os escritórios, localizava-se uma "sala de leitura ou sala de reunião de escritores, artistas e intelectuais",¹² iluminada com luz natural por uma clarabóia. Num outro piso em mezanino localizava-se o "salão de exposições para livros com significado especial, exposições de gravura e ilustração [...], pintura e escultura".¹³ Uma atmosfera particular era proporcionada pelas obras de Augusto Gomes, pinturas sobre painéis de madeira. Salienta-se igualmente a participação do escultor Américo Braga que realizou baixos-relevos no espaço da entrada/montra e de Victor Palla que, tendo colaborado no projeto de arquitetura, teve também a seu cargo a decoração das montras.¹⁴

"As edições lançadas sob a insígnia da Portugália e as atividades culturais que organizavam, assim como a aposta numa gerência culta e informada eram uma mais valia para esta livraria, que a tornava um centro da elite intelectual, acerca da qual recorda Egito Gonçalves: "A livraria Portugália (...) foi um lugar de frequência na melhor zona da cidade, com gerentes sabedores e amáveis que estimulavam a presença dos clientes para além do tilintar da caixa registadora. [...] Para a gente jovem que se iniciava na escrita, e necessitava travar conhecimentos, encontrar pessoas a quem mostrar, com quem discutir, a Portugália foi um momento precioso. [...] a grandeza de uma livraria somente o é, quando em si reúne compradores e escritores formando uma espécie de clube."¹⁵

Esta livraria encerra em 1951, tendo aquele espaço pertencido, desde então, a diferentes proprietários que alteraram integralmente a sua imagem.

A 3 de Junho de 1947, é inaugurada a obra mais emblemática de Artur Andrade, o Cinema Batalha, projeto assinado conjuntamente com o seu sócio, engenheiro Bernardino Machado, que desenvolve os cálculos para o betão armado.

Localizada no gaveto entre a Praça da Batalha e a Rua de Santo Ildefonso, esta construção vem substituir o antigo edifício ali existente. O volume proposto procura dar continuidade à configuração do quarteirão e às volumetrias dos edifícios adjacentes. A presença da sala de cinema, embora claramente evidenciada acima do nível do terraço, recua volumetricamente procurando estabelecer uma relação de continuidade com o edifício dos antigos correios. A expressão arquitetónica proporcionada pelos grandes vãos envidraçados, pelos lisos panos de parede e pela forma curva do volume no gaveto proporcionam uma imagem de modernidade que se adequa ao programa.

"Símbolos de prestígio e modernidade, os cinemas construídos durante os anos quarenta em Portugal são marcados pela monumentalidade das formas sempre actualizadas à luz do desenho moderno. Elementos de referência na cidade que se quer moderna eram o último reduto à altura, onde a linguagem moderna era, senão compreendida, pelo menos tolerada."¹⁶

A inauguração do Cinema Batalha, noticiada em todos os jornais da época, sinaliza um momento crucial da vida cultural da cidade do Porto. O jornal "O Primeiro de Janeiro" com o título "O Cinema Batalha é inaugurado amanhã", refere-se a um projeto realizado em "moldes modernos" com "uma magnífica, luxuosa" e "confortável" sala de espetáculos. "A sua lotação, para mil e cem espectadores, é dividida pela plateia, tribuna e balcão. [...] Os corredores são amplos, batidos de luz natural que vem do exterior. [...] Na "cave" fica instalado o Bufete—um espaçoso salão cheio de conforto e sobriamente mobilado."¹⁷

É interessante acentuar o modo como o autor assume e enfatiza o contraste formal entre a sala de projecção de cinema, espaço necessariamente encerrado e com uma geometria condicionada por questões de ordem funcional, e os espaços de *foyers*, áreas privilegiadas de sociabilização, abertas para e vistas pela cidade, onde predomina uma grande liberdade formal com extraordinária fluidez na continuidade de percursos e de relações visuais verticais dadas por pés-direitos de vários pisos. Aqui, como sempre, Artur Andrade procurará a colaboração de diversos artistas plásticos, como os escultores Américo Braga e Arlindo Gonçalves, e os pintores António Sampaio, Altino, Augusto Gomes e Júlio Pomar. A este serão atribuídos os dois grandes frescos que acentuarão a relação entre os espaços principais dos diferentes pisos dos *foyers*. Algumas destas obras viriam a ser encobertas e parcialmente destruídas por razões de ordem política.

16 José Fernando Gonçalves, in "Cinema Batalha", Porto 1901/2001, Guia de Arquitectura Moderna, fascículo 9 (Jorge Figueira, Paulo Providencia e Nuno Grande—Comiss.). Ordem dos Arquitectos, SRN e Porto 2001, Capital Europeia da Cultura. Porto: Livraria Civilização Editora, 2001.

17 Jornal "O Primeiro de Janeiro", 28/05/47.

18 Artur Andrade, em entrevista ao jornal "A Tarde", intitulada "A Arquitectura de hoje. Defendida por um grupo de arquitectos modernos. Artur Andrade fala-nos do "Batalha". Esperemos "Sr. Batalha!", 23/05/1945.

19 Sergio Fernandez, *Percorso. Arquitectura Portuguesa 1930/1974*. Porto: Edições da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. 1988.

"O projecto, dentro das disposições legais, foi orientado neste sentido: linhas modernas, arrojadas de que sou acérrimo partidário. E mal parecia que assim não fôsse—de mim que sempre pugnei por uma Arquitectura a que podemos chamar "dos nossos dias" e que no nosso país tem encontrado meio pouco favorável e pouca compreensão de grande parte de arquitectos, mesmo de muitos que se intitulam de modernos. Na generalidade as criações architectónicas dos últimos tempos são impessoais e incaracterísticas."¹⁸

Artur Andrade integra, neste mesmo ano, como membro fundador, a ODAM, Organização dos Arquitectos Modernos, juntamente com Arménio Losa, Viana de Lima e Agostinho Ricca, José Carlos Loureiro, Mário Bonito e Fernando Távora, entre muitos outros.

"A consciência colectiva que se vai construindo justifica a criação do ODAM (Organização dos Arquitectos Modernos). Passa, pois, a existir em 47 uma entidade que agrupa os que vêem, fundamentalmente nas ideias dos CIAM (Congressos Internacionais de Arquitectura Moderna), o caminho a seguir."¹⁹

É também de 1947 o projeto que desenvolve, a convite da Associação Industrial Portuense, para o Palácio Industrial de Exposições dos jardins do Palácio de Cristal, no Porto. Este projeto, que será preterido pela Câmara Municipal do Porto, estará na origem do envio da "carta aberta ao presidente da CMP", em defesa de Artur Andrade, assinada por 34 arquitetos de Lisboa e do Porto, publicada na já referida revista *Arquitectura Portuguesa*. Será este trabalho que apresenta, em 1948, ao Concurso para a Obtenção do Diploma de Arquitecto, CODA pela EBAP. Toda a conceção do projeto faz recurso ao domínio das novas tecnologias do betão armado, à liberdade espacial que as mesmas permitem e à linguagem transmitida pelo Movimento Moderno com uso de grandes envidraçados, *brises soleil* e pisos sobrelevados apoiados em *pilotis*, permitindo a continuidade do usufruto do terreno dos jardins. Tratando-se de um pavilhão de exposições, procura, na rigidez da composição dos seus volumes, a afirmação de uma certa monumentalidade.

Expressão absoluta dos modelos do Movimento Moderno, a sua própria casa, Casa da Aboinha, acentua a sua localização geográfica numa elevação na margem do rio Douro, desenvolvendo-se num volume com cobertura horizontal, curvo, seguindo o movimento do terreno e da estrada que lhe dá acesso, assente sobre *pilotis*. Obedecendo à mesma gramática, as aberturas rasgam-se em contínuos vãos horizontais. São claras as referências à obra de Le Corbusier, designadamente à Villa Savoye, nesta casa que em 1948 projeta e constrói na estrada Porto/Entre-os-Rios. Será mais tarde vendida e transformada na Estalagem de São Tiago.

Neste mesmo ano, participa no 1.º Congresso dos Arquitectos, integrando a Comissão de Redação das Conclusões e Votos do Congresso, juntamente com os arquitetos Inácio Peres Fernandes, Porfírio Pardal Monteiro, Francisco Keil do Amaral e Alfredo Viana de Lima.

Em 1949 participa na campanha eleitoral de Norton de Matos.

O certificado de conclusão do curso de arquitetura data apenas de 1958, ano em que se empenha, ativamente, na campanha eleitoral de Humberto Delgado para a presidência da República, sendo posteriormente convidado para Secretário-geral da candidatura e respetiva campanha eleitoral.

A partir dessa data projeta um número pouco significativo de obras de arquitetura, salientando-se, entre outras, o edifício de habitações e garagem na Rua Latino Coelho onde virá a residir, o prédio da empresa "Edifical", na Rua Delfim Ferreira, e algumas obras em Santo Tirso e em Vila Real.

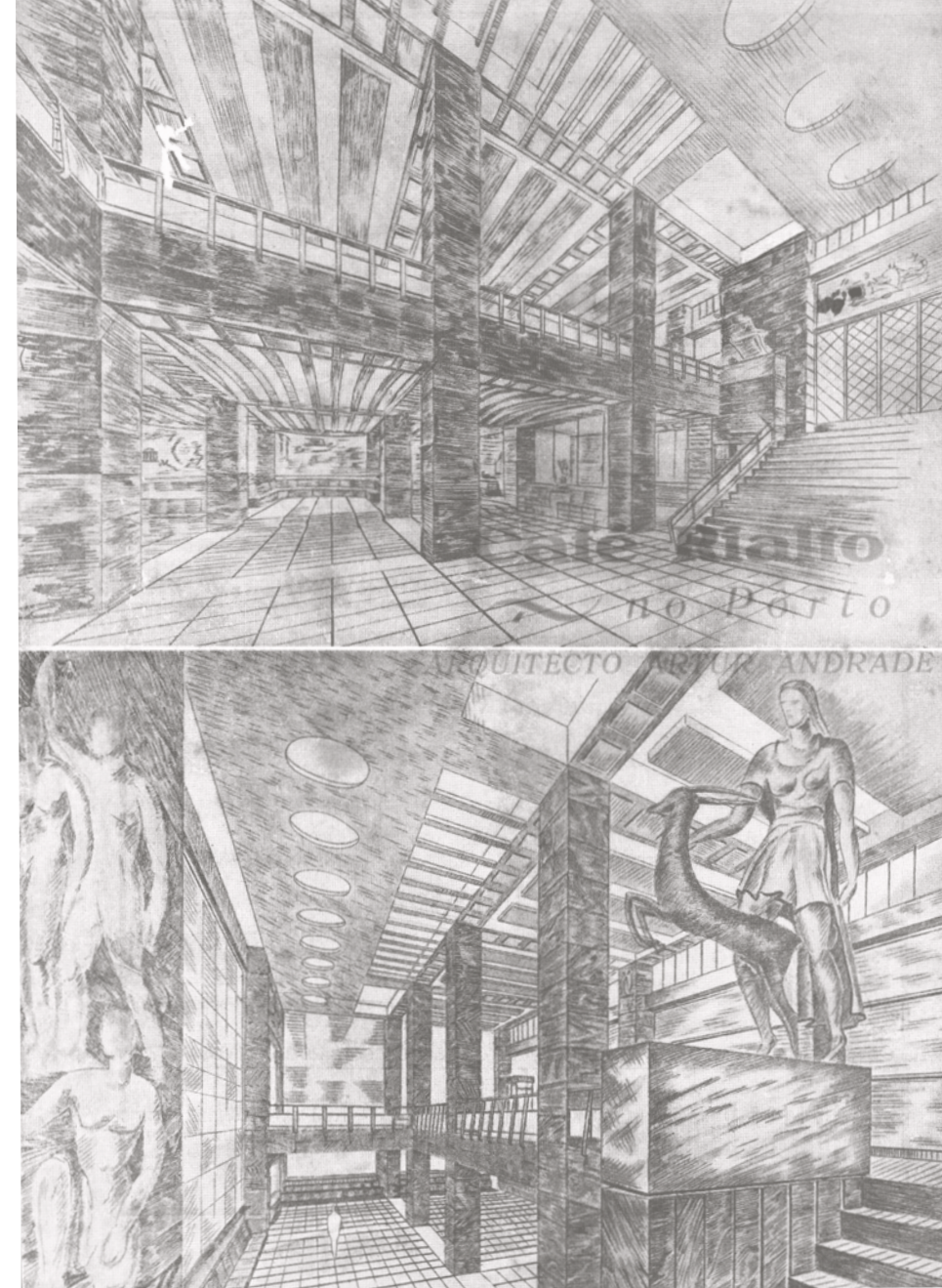
Em 1974 é um dos fundadores do PPD (Partido Popular Democrático) e é nomeado Presidente da 1ª Comissão Administrativa da Câmara Municipal do Porto. Um ano mais tarde é eleito Vereador do Pelouro do Urbanismo e Presidente do Conselho de Administração dos Serviços Municipalizados de Água e Saneamento (S.M.A.S) onde permanece até 1981.

No Dia Mundial da Arquitectura, em 1990, quinze anos antes da sua morte, Artur Andrade é publicamente homenageado pela Secção Regional Norte da Associação dos Arquitectos Portugueses.

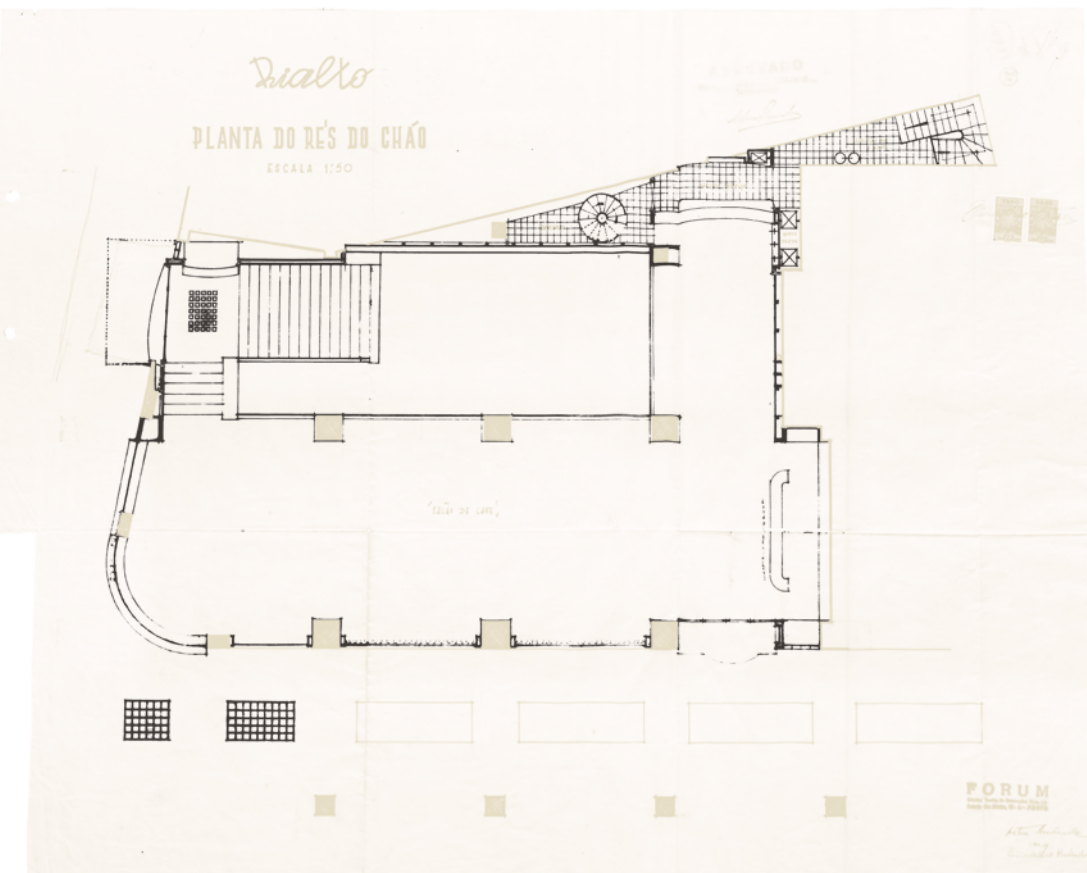
A reabilitação recente do Cinema Batalha, mantendo-se e atualizando-se programaticamente, veio reconfirmar o extraordinário significado que o edifício estabelece na sua relação com a cidade.

Este projeto representou na época da sua construção, no Porto, o paradigma de uma procurada "nova arquitetura" que, pela sua expressiva modernidade, ainda hoje se constitui como o grande manifesto do seu autor, o arquiteto Artur Andrade.

1 Artur Andrade no momento da sua prisão pela PIDE /
Artur Andrade at the time of his arrest by PIDE



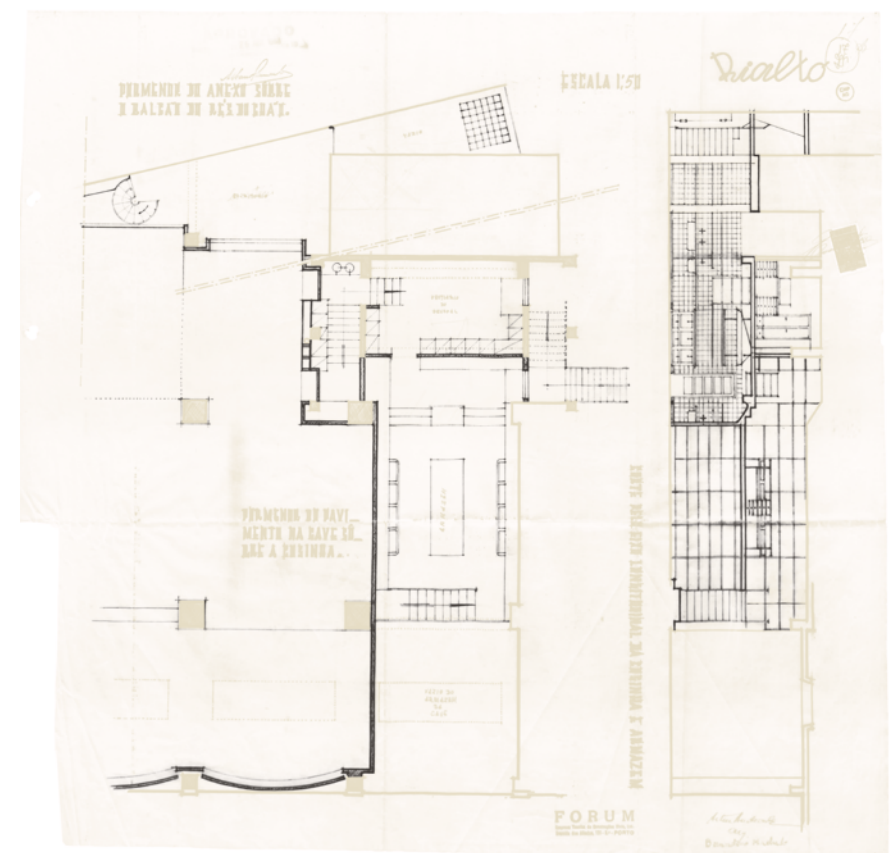
2 "Café Rialto no Porto", desenhos de Artur Andrade
publicados na revista *A Arquitectura Portuguesa*,
n.º 109, Abril de 1944 / "Café Rialto, Porto",
drawings by Artur Andrade published in the magazine
A Arquitectura Portuguesa, n.º 109, April 1944



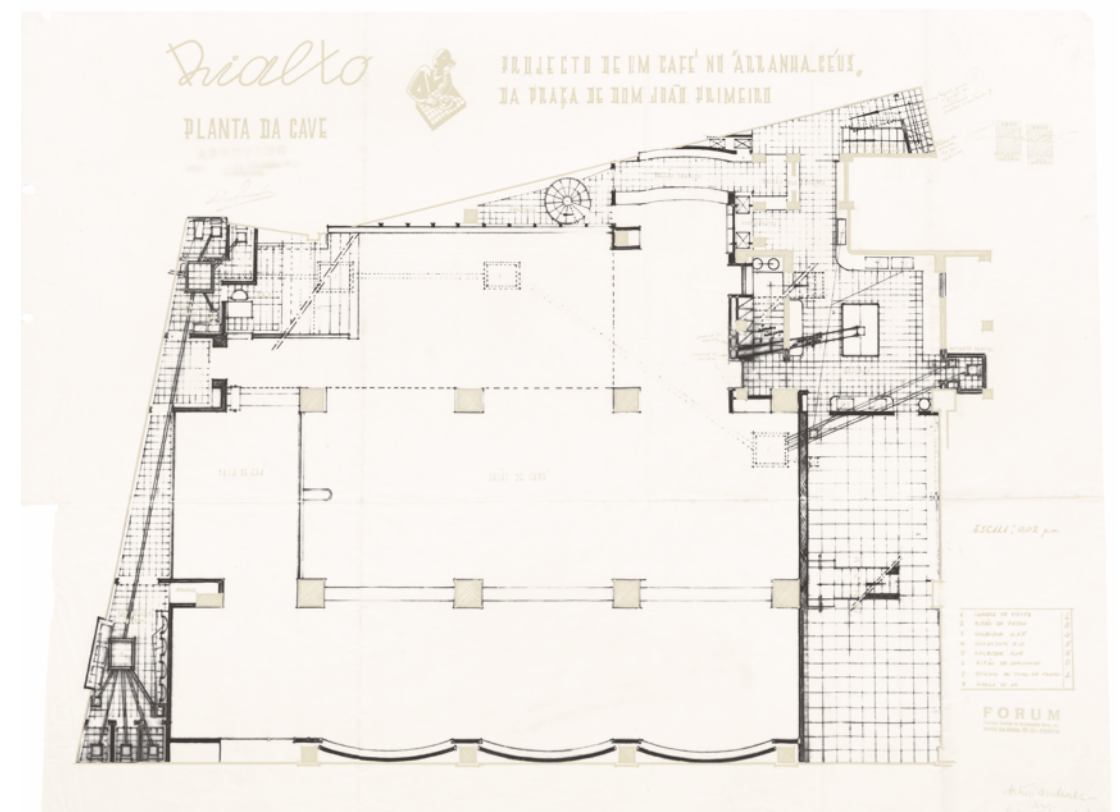
3

"Projecto de um Café no 'Arranha-Céus' da Praça de Dom João I", desenhos de Artur Andrade, FORUM—Empresa Técnica de Construções Cíveis, Ltd. Processo de Licenciamento, CMP. / "Plans for a Café in the 'Skyscraper' in Praça de Dom João I", drawings by Artur Andrade, FORUM—Empresa Técnica de Construções Cíveis, Ltd. Project license.

4



5







7

Café Rialto. Interior



8

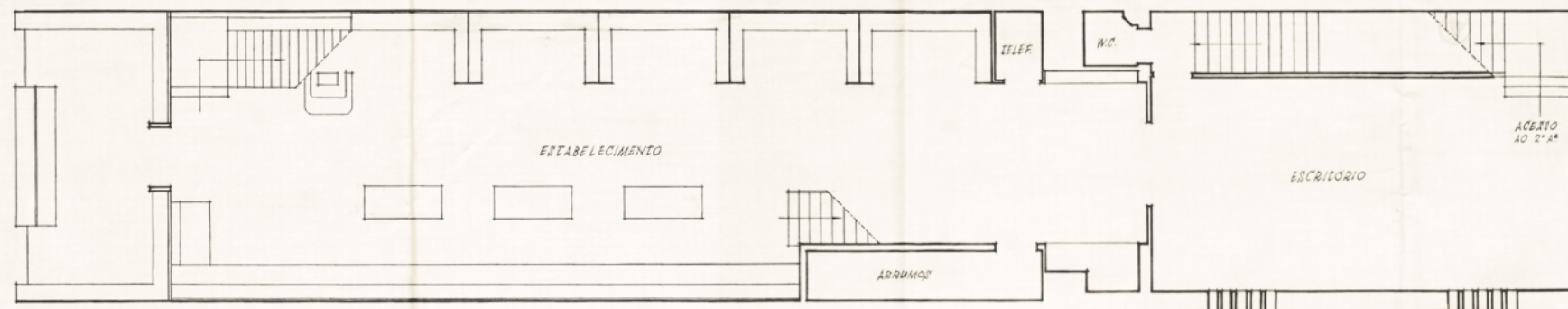
APROVADO

1950

1950



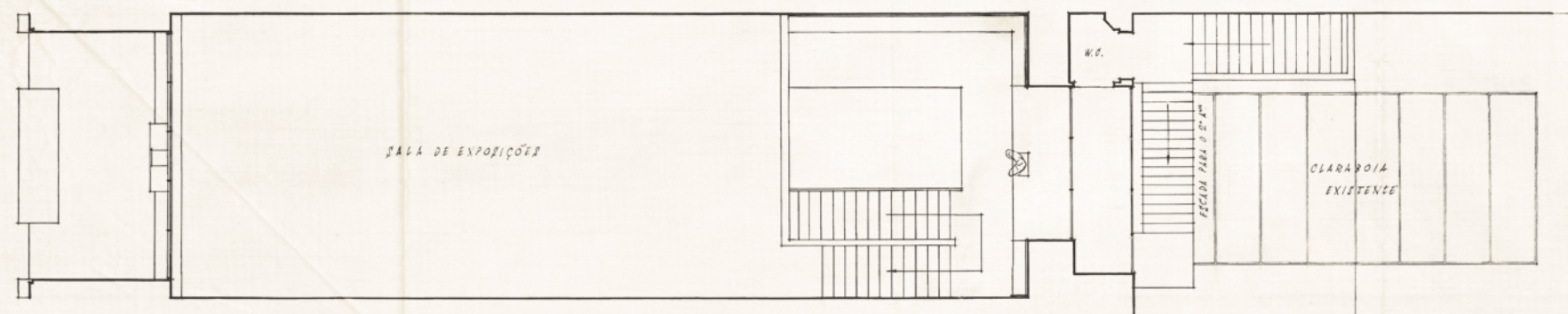
99



RÉS DO CHÃO



GALERIA



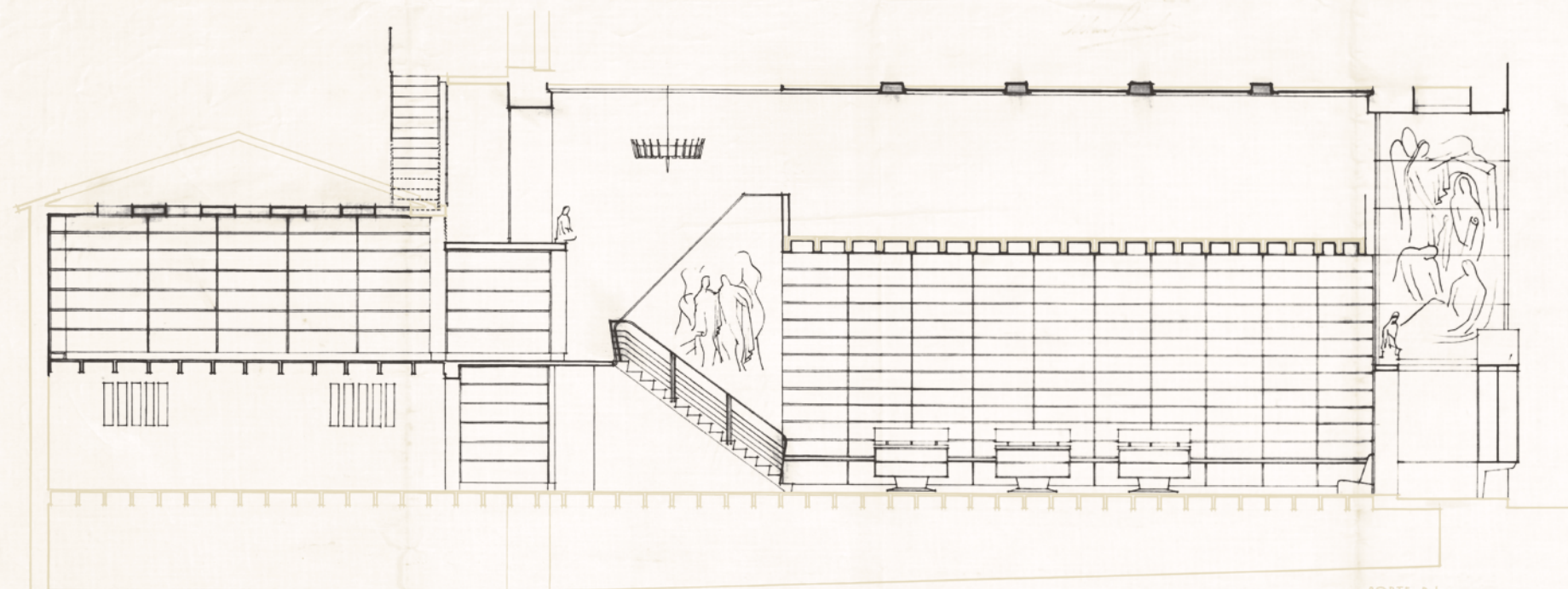
1º ANDAR

REQUERIMENTO DO EXMO. SNR. DR. LUIS BOTELHO DE SOUSA REFERENTE A UMA ADAPTAÇÃO DO N:210 DA RUA 31 DE JANEIRO

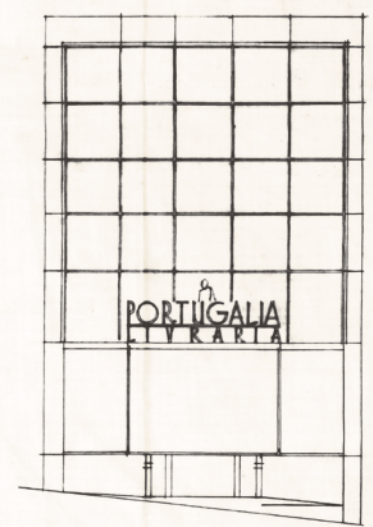
ESCALA 1:50

9 Livraria e Galeria de Arte
Portugália, desenhos de Artur Andrade
/ Portugália Bookshop and Art
Gallery, drawings by Artur Andrade.
Project license.

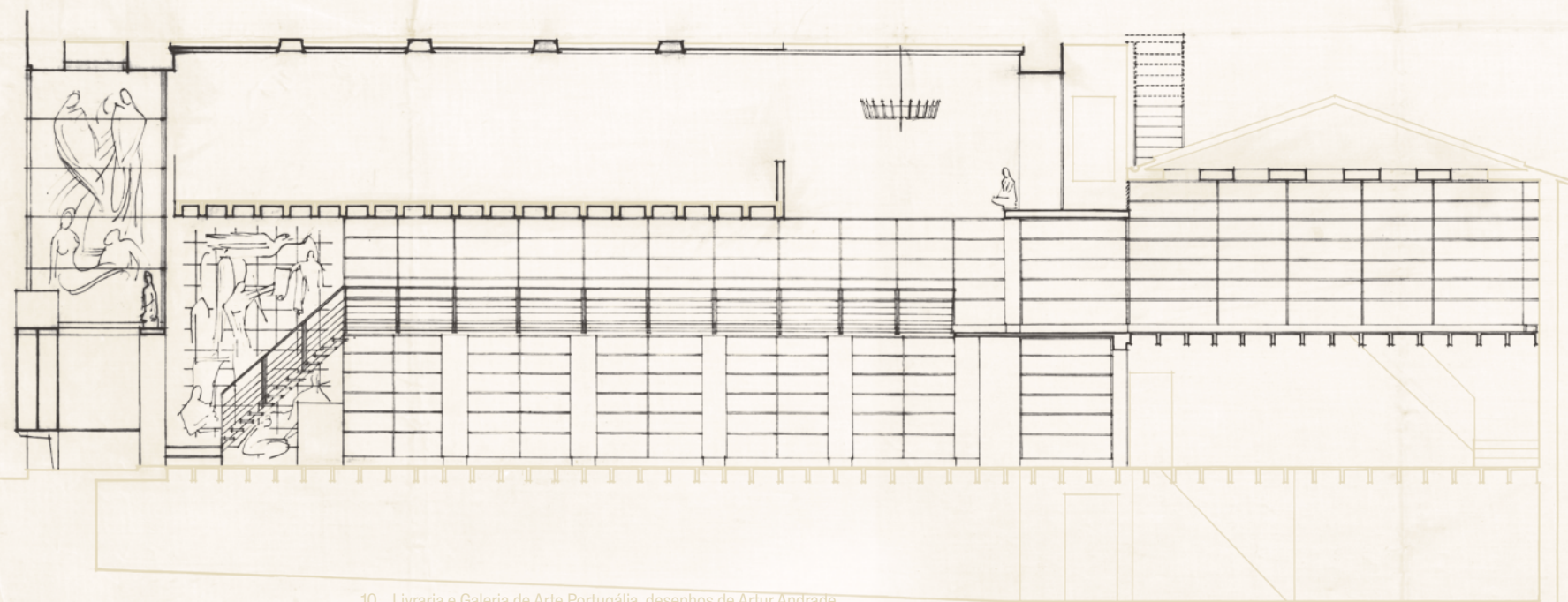
Artur Andrade
sup.



CORTE BA

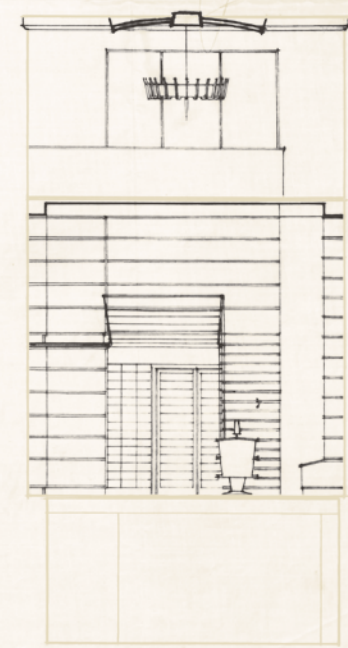


ALÇADO



CORTE A-B

10 Livraria e Galeria de Arte Portugália, desenhos de Artur Andrade.
Processo de Licenciamento. CMP. / Portugália Bookshop and Art Gallery,
drawings by Artur Andrade



CORTE CD

109

Artur Andrade
arq. (B)



11 Livraria e Galeria de Arte Portuguesa. Montra
/ Portuguesa Bookshop and Art Gallery. Window display



Livraria e Galeria de Arte Portuguesa.
Interior / Portuguesa Bookshop
and Art Gallery. Interior





15 Cinema Batalha. Vista aérea / Aerial view



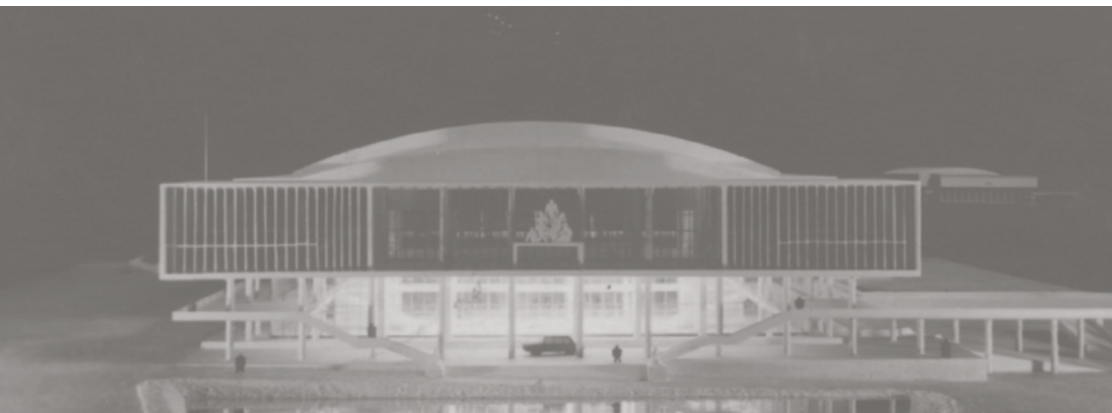
16 Cinema Batalha em construção / under construction



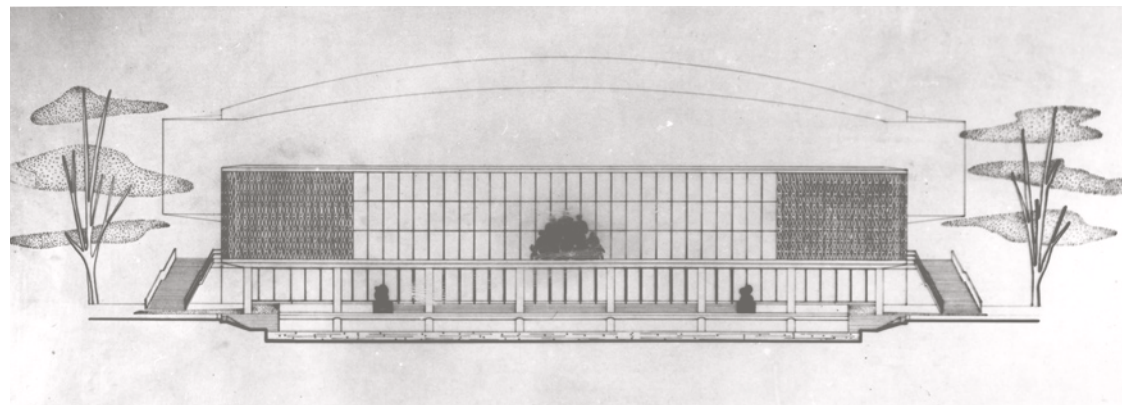
17 Cinema Batalha. Interior



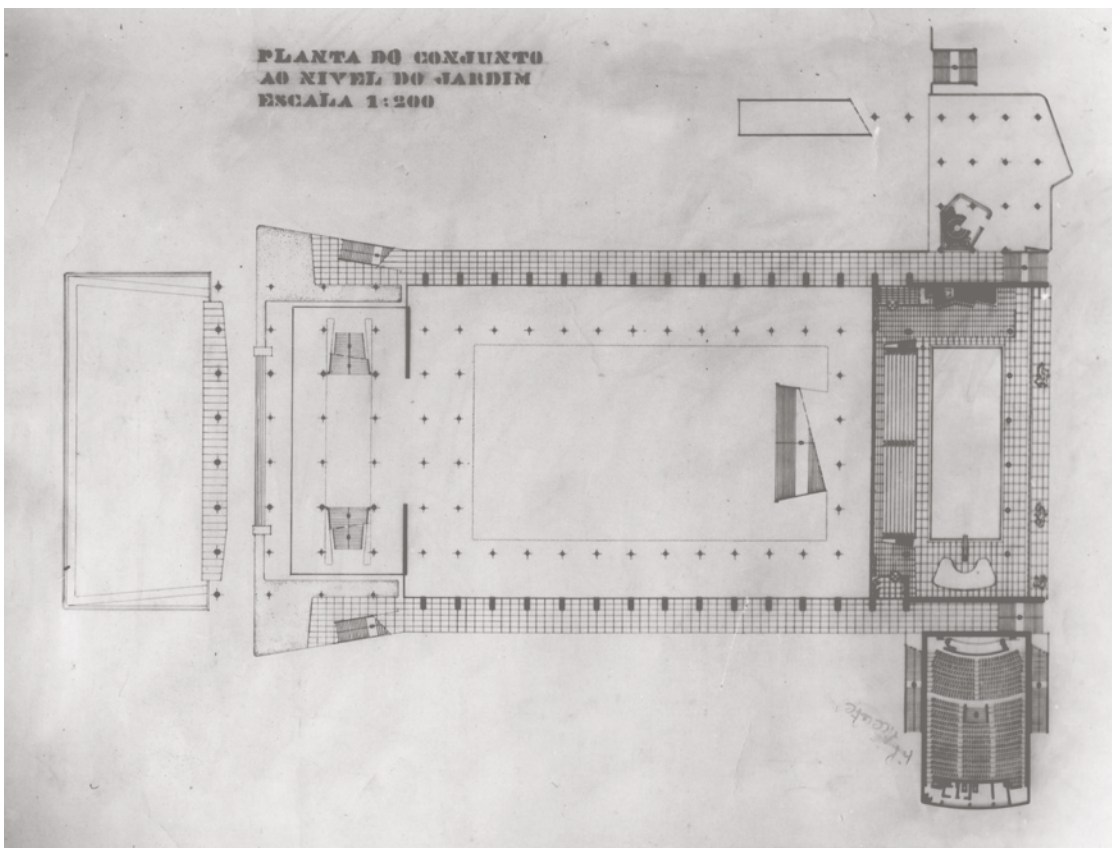
18 Cinema Batalha. Exterior



19 Palácio Industrial de Exposições dos jardins do Palácio de Cristal, Porto. Maquete / Maquette

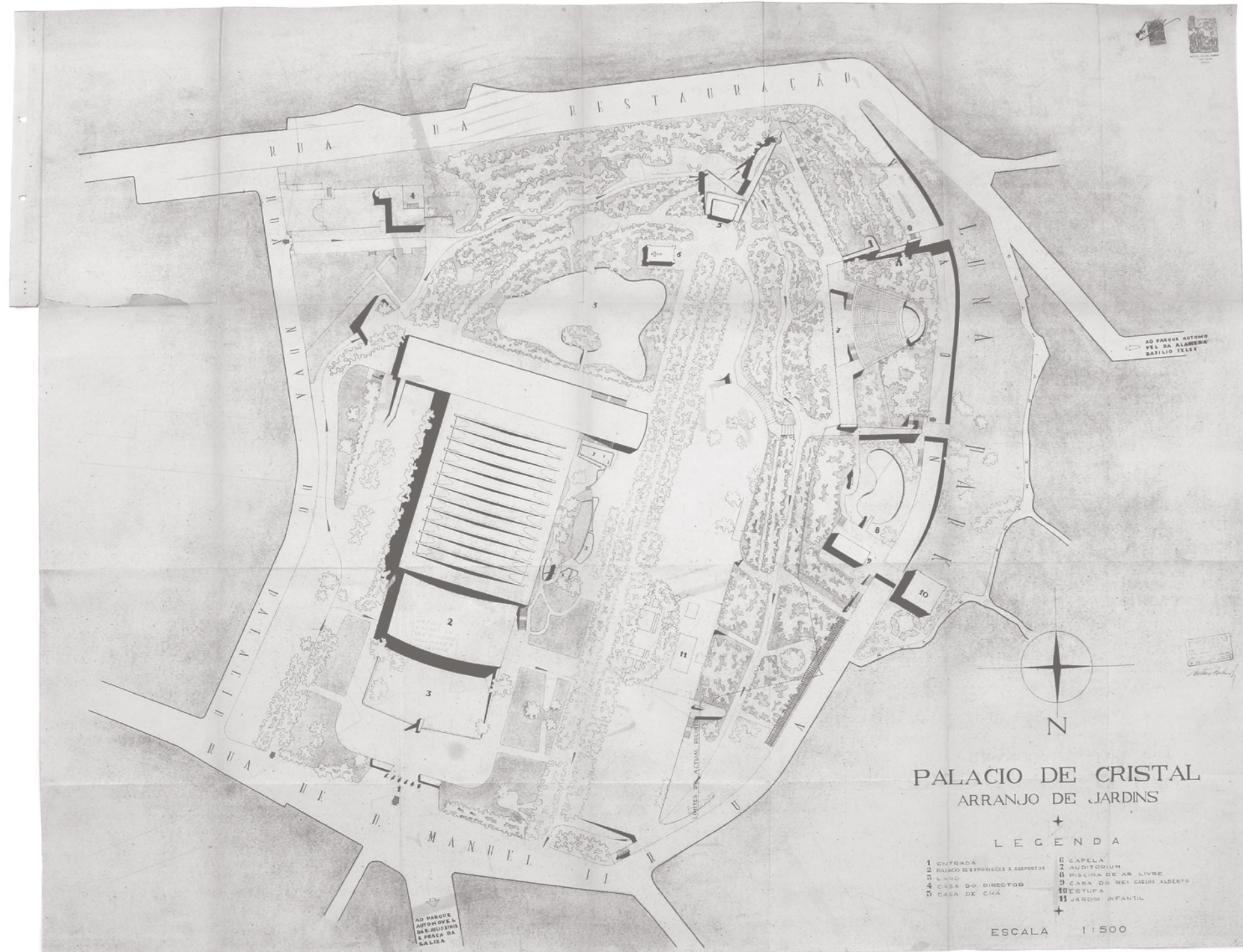


21



20

Palácio Industrial de Exposições dos jardins do Palácio de Cristal, Porto.
Desenho de Artur Andrade / Drawings by Artur Andrade



22 Palácio Industrial de Exposições dos jardins do Palácio de Cristal, Porto.
Desenhos de Artur Andrade / Drawings by Artur Andrade



Artur Andrade: a modern architect in Porto

Ana Alves Costa

Cinema Batalha is undoubtedly the most significant project in the life's work of architect Artur Andrade (Porto, 1913–2005). This creator's legacy, which reflects both his personality and the historical period through which he lived, derives not only from his architectural work but from his personal life, which was characterised by wide-ranging interests and activities. Artur Andrade was, first and foremost, a political activist and was active from an early age in the Communist Party. In a country and era governed by a military dictatorship, his political commitments obliged him to work in secret and consigned him to a life of instability punctuated by countless detentions at the hands of the political police.

Artur Andrade did not have the opportunity to develop as many architectural projects as we might hope, given the quality and originality of those we know about—just over a dozen projects developed between 1940 and 1989, some of which lack special significance. Nevertheless, here we will analyse in detail a few of his works that, for various reasons—their architectural qualities, their versatile manipulation of space and plans, and the freedom with which they handle the principles of the Modern Movement, among other factors—are of great significance within the historiographical panorama of architecture in Portugal.

Artur Vieira de Andrade was born in the parish of Cedofeita, Porto, on 14 May 1913, during the First Republic. He was the third child of Clara Rodrigues de Andrade, from Galicia, and Manuel Vieira de Andrade, from Porto. Both of his parents were traders.

Aged 13, he witnessed events that would decisively transform the political state of the country. The revolution of 28 May 1926, put an end to the First Republic and eventually led to the implementation of a military dictatorship.

Andrade attended the old Liceu Rodrigues de Freitas where, while still young, he displayed a certain “rebellious spirit”.¹ He was actively

political from an early age, arranging for the “hammer and sickle” to be engraved on his school binders.

From the age of 16, Andrade could be found in the cafes of Porto—A Brasileira or O Guarany—gathering with others who opposed the New Regime. In doing so, he became acquainted with some of the most important characters in the cultural life of our city.

After taking a job as a factory worker, at 18, he became economically independent from his family. In 1933, now 20, Artur Andrade was arrested for the first time by the special police. His antifascist political militancy, during the dictatorship, led to eight further detentions by PIDE (International and State Defence Police). His daughter tells us the following:

“My father had a letterpress set up in his car, and in our house in Latino Coelho there were many hiding places where he kept documents of anti-regime propaganda.”²

At 24, Andrade married Laura Guilherme Mourão Nogueira, from Vila Real. Around this time, he applied for a position as draughtsman at Porto City Council, part of the Office for Urbanisation. It was here that he met the architect Arménio Losa (1908–1988), who invited him to assist at his atelier outside office hours, and encouraged him to enrol in an architecture course, which he joined in 1937. In 1941, he completed the Special Course in Architecture at Escola de Belas Artes in Porto, in the same year as graduating from the same school.

Artur Andrade's first years as a student on this course coincided with the final years of José Marques da Silva, a director and professor at EBAP. An enthusiastic transmitter of the *Beaux-Arts*, his teaching marked an entire generation of students attending the institution, starting in 1906 to his retirement in 1939. Other eminent professors, including Aarão de Lacerda, Acácio Lino and Manuel Marques, taught Artur Andrade during this time. From the 1940s onwards, a new generation of teachers replaced Marques da Silva, among them Carlos Ramos and Rogério de Azevedo. Thus, Artur Andrade's education was shaped by the legacy of these academics, in particular Carlos Ramos, and by the presence of his fellow students, many of whom went on to become well-known architects and professors. Here we refer, for example, to Agostinho Ricca; or, from a younger generation,

João Andresen, Fernando Lanhas and Fernando Távora.³ He also interacted with his peers on the Painting and Sculpture courses, such as Augusto Gomes, Júlio Resende, Alvarez and Arlindo Rocha. Some of these later contributed to projects carried out by Artur Andrade himself, who always argued for and sought to incorporate in his practice an integrated approach to the arts.

During his tenure as director and professor at the school, José Marques da Silva implemented a teaching system comprising a variety of practical activities intended to contribute to the architect's artistic training. According to Canto Moniz, this system, inspired by the *Beaux-Arts*, “gives the students great freedom, since attending lessons and participating in competitions are optional, [allowing] these activities to be coordinated with professional work at ateliers.”⁴ This environment allowed Artur Andrade to continue his studies and collaborate with Arménio Lopes, at the same time developing projects of his own.

“Generally speaking, the generation of architects trained in the 1930s reflects this eclectic form of thinking and doing, with the exception of those architects who autonomously developed theoretical knowledge and a taste for the modern, and were strong in their political opposition to the Estado Novo. In this group, we can include the different careers of Arménio Losa and Alfredo Viana de Lima, in Porto, and Francisco Keil do Amaral and Celestino de Castro in Lisbon.”⁵

To these, we can add the name of Artur Andrade.

In 1942, Andrade founded Técnica Fórum, Gabinete de Arquitectura e de Engenharia with the architect Fernando de Sousa and the engineers Bernardino Machado and Oswaldo Santos Silva. The firm was headquartered in the city of Porto.

On 6 December 1944, one his first projects, Café Rialto, opened on the ground floor of the Maurício Macedo building on Praça D. João I, designed by Rogério de Azevedo (Porto, 1898–1983) a few years earlier.⁶

The significance of Artur Andrade's project was highlighted publicly prior to the opening in the

magazine *A Arquitectura Portuguesa*, an important medium of exchange for the architects of that time. A long article accompanied by drawings from the project explains that “The café is being built in the ground floor of the ‘sky-scraper’ in Praça D. João I and is expected to cost more than 1.500 contos.”⁷ In the same article—whose publication predated the first edition of Fernando Távora's essay “The problem with the Portuguese house” by a year—Artur Andrade took the opportunity to criticise a certain “regionalism” characterised by the “basic or insubstantial tastes” observable in Portuguese architecture “in recent times”. This critique, which underpinned the thinking of architects, such as Andrade, who were arguing for a modern architecture, was unequivocally expressed in his work.

“In the end, always architecture, architectural sincerity, and never the lazy decoration of mannered ornamentation, of plaster casts or other classical or regional details, of basic or insubstantial tastes. In recent times the idea of regionalism has been overdone in décor, interpreted as if architectural regionalism consisted of collecting of yokes, blankets, eaves, wrought iron, plates and dolls in a room with a total absence of the visual sensibility or true intellectual creativity that is the mark of any work of real artistic intention.

Decoration must begin from the functional elements of a construction, respecting and attributing to them visual expression.

The decoration of this café will be achieved with the distinct intentions of clarity, precision and exactitude, giving us the impression that nothing is superfluous, and that everything has its own utilitarian function to perform.”⁸

The main entrance to the café was on Rua de Sá da Bandeira. In kind of game across different floors, one could ascend from the entrance to the main room of the café—with its large windows looking out on to the road—or via an imposing marble-stairway, which descend to a lower floor containing other, more intimate and private spaces. The upper floor did not take up the entire footprint of the building; instead, a mezzanine overlooked the floor below. The creation of this

1 According to Andrade's daughter, Laura Rodrigues, in an interview conducted in 2019.

2 Idem.

3 Agostinho Ricca (1915–2010, EBAP: 1932–1941); João Andersen (1920–1967; EBAP: 1939–1948), Fernando Lanhas (1923–2012; EBAP: 1941–1947); Fernando Távora (1923–2005; EBAP: 1941–1952).

4 Canto Moniz, *Modern Architecture Teaching. The training of architects at Escolas de Belas-Artes (1931–1969)*. Porto: FIMS/Edições Afrontamento, 2019, p.43.

5 Idem, p.71.

6 The Maurício Macedo building was built between 1941 and 1942.

7 Artur Andrade, “Café Rialto, Porto”, *A Arquitectura Portuguesa*, n.109, April 1944, pp.27–29.

8 Idem.

double-height space ensured that the lower floor was bathed in natural light. It also accentuated the feeling of a great, unified space in which the two areas engaged with, and became visually linked to, one another. As Artur Andrade described it, the café's upper floor was intended for "fleeting, hurried moments, intimately connected to the outside and to the performance we are offered by the streets of today. It is therefore more soberly decorated. [The lower floor] is intended for more prolonged visits, for conversations and gatherings or for those who seek a café for a moment to rest their tired legs. As a result it is more comfortable, furnished with decorative elements that will mentally entertain the public, generating the feeling of an interior performance."⁹ To achieve this effect, a number of artists were invited to contribute to the space: Abel Salazar, who designed a charcoal mural on the first floor; Dordio Gomes and Guilherme Camarinha, who painted frescos and plywood murals on the lower floor; and João Fragoso, who produced two bas-reliefs in polychromatic ceramic, one of them located on the main stairs.

Andrade wrote that the large expanses of mirror-covered walls helped to amplify the sense of space, the "new marbles from Leiria, wood carved in whimsical designs and good upholstery—these will be the principal decorative virtues of this room."¹⁰

The café closed in 1972, and was replaced by a bank that later also shut. Today, it is home to a commercial establishment in which not a single vestige of the historic Café Rialto can be identified.

On 21 March 1945, four months after the café opened, another project of great significance in Artur Andrade's career opened its doors to the public at Rua de 31 de Janeiro 210. On the ground and first floors of a pre-existing building, standing on a long, narrow plot characteristic of Porto, was Portugália, a new, modern bookshop and art gallery. This venture had an innovative programme. By bringing together different facilities, it sought to provide a dynamic space for studying, promoting and sharing culture. Porto at this time was not a very cosmopolitan city. At a national level, the political regime monitored any activities that might put its conservative and nationalist ideology at risk. It is therefore surprising that this space was able to stay open, if only for six years—from 1945 to 1951.

⁹ Idem.
¹⁰ Idem, p.30.

This opening was widely covered in the newspapers of the day. The headline in the *Comércio do Porto* read: "Livraria Portugália opens tomorrow. A truly novel establishment for culture, and a stand-out work by the architect Artur Andrade."¹¹

As at Café Rialto, the building's different floors, mezzanines and double-height ceilings combined to stunning optical effect, visually amplifying the various spaces and creating relationships between them, while facilitating both natural illumination and the use of artificial lighting.

A recess in the façade, at the first and second-floor level, created a transitional space between the public pavement/street and the building's interior. Window displays installed in this area—cases similar to those also found inside—provided moments to pause in a covered space before entering the building itself. Housed on the ground floor was the public part of the bookshop, with a private office area at the back. The walls of the shop were lined with shelves, also in small niches, of thematically organised books. Reachable from this floor was a narrow mezzanine: a kind of balcony with more bookshelves, which also acted as a means to double the height of the main space. At the back of this floor, and above the offices, was a "reading room or meeting room for writers, artists and intellectuals";¹² naturally illuminated by a skylight. Another mezzanine floor was home to "the exhibition room for books of special significance, exhibitions of engravings and illustrations (...), paintings and sculpture".¹³ Paintings on wood panels Works by Augusto Gomes—lent the room a special atmosphere. Further highlights included works contributed by the sculptor Américo Braga, who designed bas-reliefs in the entrance area, and Victor Palla, who, having assisted with the architectural project, decorated the display cases.¹⁴

"The books published with Portugália's insignia and the cultural activities they compiled, and the emphasis placed on an educated and informed management

¹¹ *O Comércio do Porto*, 20 March 1945.

¹² Artur Andrade and Bernardino de Barros Machado, in "Memo: Description and Justification" as part of Licensing process. Porto Council Archive, Project licence n.389/1944.

¹³ Idem.

¹⁴ "The project was followed by Victor Palla, who worked with Artur Andrade in the atelier FORUM in 1944 and 1945, while he was staying in Porto and studying at Escola de Belas-Artes. In that capacity, he was given the Portugália bookshop project, for which he produced the technical drawings and whose construction he oversaw," in Sónia Moura, *Portugália. A modern gallery in Porto in the 1940s*. Master's dissertation, Artistic Studies. FBAUP. Porto, 2013, p.56.

team, were both great strengths of this bookshop, transforming it into a centre for the intellectual elite. As Egito Gonçalves would recall: "Portugália bookshop (...) was a regular stop in the best part of the city, with knowledgeable and friendly managers who, beyond ringing up the cash register, actually enhanced the client experience. (...) For young people just getting started as writers and wanting to meet likeminded people with whom they could share and discuss their work, Portugália was a precious resource. (...) a bookshop achieves greatness only when it brings together customers and writers into a kind of club."¹⁵

This bookshop closed in 1951. Since then, various owners have altered the appearance of the space entirely.

Artur Andrade's most emblematic work, Cinema Batalha, opened on 29 May 1947. The building was developed in conjunction with his partner, the engineer Bernardino Machado, who was responsible for the calculations for the reinforced concrete.

Located at the corner of Praça da Batalha and Rua de Santo Ildefonso, the building replaced the lot's previous occupant, the Cinema Novo Salão High-Life. The size of the new building was intended to preserve the block's existing configuration, so as not to impinge on the buildings on either side. The cinema auditorium, though clearly visible from the terrace level and above, receded volumetrically, in order to establish continuity with the neighbouring old post office building. The building's great spans of glass, smooth wall panels and curved form all architecturally expressed an image of modernity to complement the cinema's programme.

"Symbols of prestige and modernity, the cinemas built in Portugal during the 1940s are notable for their monumental structures informed by modern design. They were a reference point and a last refuge in a city that wanted to be modern, in which the language of modernity, if not understood, was at least tolerated."¹⁶

The opening of Cinema Batalha, announced in all the newspapers of the day, marked a crucial

¹⁵ Idem, p.59.

¹⁶ José Fernando Gonçalves, in "Cinema Batalha", *Porto 1901–2001, Modern Architecture Guide*, Issue 9 (Jorge Figueira, Paulo Providência and Nuno Grande—Comiss.). Ordem dos Arquitectos, SRN and Porto 2001, European City of Culture. Porto: Livraria Civilização Editora, 2001.

moment in the cultural life of the city of Porto. The newspaper *O Primeiro de Janeiro*, under the headline "Cinema Batalha opens tomorrow", referred to a project designed along "modern lines" with "a magnificent, luxurious" and "comfortable" auditorium. "It has a capacity of one thousand and one hundred seats, divided between the stalls, gallery and balcony. (...) The corridors are wide and lit by natural light from outside. (...) In the 'basement' one can find the Buffet—a spacious, comfortable hall with sober furnishings."¹⁷

It is worth noting that the author of this article emphasises the formal contrast between the cinema auditorium—a closed space whose geometry was determined by functional necessity—and the foyers. Intended for social activities, these latter spaces were both open to and seen by the city outside. Governed by formal freedom, their extraordinary visual fluidity is enhanced by continuous pathways and the vertical relationships between different floor and ceiling heights. Here, as always, Artur Andrade made an effort to incorporate contributions from a variety of artists, such as the sculptors Américo Braga and Arlindo Gonçalves, and the painters António Sampaio, Altino, Augusto Gomes and Júlio Pomar. The latter was commissioned to produce the great frescos to accentuate the relationship between the main areas of the different floors and foyers. Later, some of these works were partially or totally destroyed for political reasons.

"The project, within the legal requirements, was oriented thus: modern, daring lines, of which I am a strong advocate. It couldn't be any other way—coming from me, someone who always strove towards an architecture that could be called "of our time" but that has found little favour in this country, and little comprehension from the majority of architects, even the many who think of themselves as modern. In general the architectural designs of recent times are impersonal and lacking character."¹⁸

In the same year, Artur Andrade was a co-founding member of ODAM (Organisation Of Modern Architects), alongside Arménio Losa, Viana de Lima e Agostinho Ricca, José Carlos Loureiro, Mário Bonito and Fernando Távora, among many others.

"The collective consciousness then being built justified the creation of ODAM

¹⁷ *O Primeiro de Janeiro*, 28 April 1947.

¹⁸ Artur Andrade, in an interview with the newspaper *A Tarde*, titled "The architecture of today. Defended by a group of modern architects. Artur Andrade tells us about 'Batalha'". We await 'Mr. Batalha'!", 23 April 1945.

(Organisation Of Modern Architects). Thus, in 1947, a body was created bringing together those who saw, in the ideas of the CIAM (International Congresses of Modern Architecture), the fundamental way forward.¹⁹

19 That same year, the Porto Industrial Association
20 invited Andrade to develop a project for the
21 Palácio Industrial de Exposições in the gardens
22 of the Palácio de Cristal, Porto. The project, overseen by Porto City Council (CMP), was the basis for an “open letter to the president of the CMP” defending Artur Andrade, signed by 34 architects from Lisbon and Porto and published in *Arquitectura* magazine. In 1948, Andrade submitted this project to obtain his Diploma of Architecture, CODA. Every aspect of its conception made use of the then-new technology of reinforced concrete and the spatial freedom it enabled, as well as the language of the Modern Movement: large windows, *brises soleil* and elevated floors supported by pillars, allowing the ongoing use of the garden land below. As an exhibition pavilion, the rigid composition of its different spaces were intended to assert a certain monumentality.

23 The architect's own home, Casa da Aboinha, fully expressed the Modern Movement's ideas. Accentuating its location overlooking the banks of the River Douro, it took the form of a curving, flat-roofed space, supported by pillars and following the shape of the land and the road leading up to it. Obeying the same grammatical rules, its apertures opened out in continuous, horizontal spans. References to the work of Le Corbusier, namely the Villa Savoye, were obvious in this house that Andrade built on the road from Porto to Entre-os-Rios, in 1948. It was later sold and turned into the São Tiago lodge.

In the same year, Andrade participated in the First Congress of Architects. Sitting alongside him on the Congressional Editorial Commission for Conclusions and Votes were the architects Inácio Peres Fernandes, Porfírio Pardal Monteiro, Francisco Keil do Amaral and Alfredo Viana de Lima.

In 1949, Andrade took part in the electoral campaign for Norton de Matos.

It was not until 1958 that he received his final certificate for his architecture degree, the same year he actively supported Humberto Delgado's bid to become President of the Republic. Andrade was

later invited to be a candidate for Secretary-General in the accompanying electoral campaign.

From this time onward, he worked on few architecture projects. Highlights during this period include a Residential Building and Garage in Rua Latino Coelho, where he would later live; the building of the firm he owned, “Edifical”, in Rua Delfim Ferreira (1965); a factory in Santo Tirso; and a number of buildings in Vila Real. Artur Andrade's final work dates to 1985: a building at the meeting point of Rua Hintze Ribeiro and Rua de Oliveira in Leça da Palmeira, Matosinhos.

In 1974, he became one of the founders of the PPD (People's Democratic Party) and was nominated President of the First Administrative Commission of Porto City Council. A year later, he was elected Head of Urbanism and President of the Council for the Administration of Municipal Water and Sanitation Services (S.M.A.S.), a position he held until 1981.

On World Architecture Day, in 1990, fifteen years after his death, the Northern Branch of the Portuguese Association of Architects publicly commemorated Artur Andrade.

The renovation of Cinema Batalha, which remains a process in constant renewal, reconfirms the extraordinary significance of the building in relation to the surrounding city.

At the time of its construction in Porto, the building represented the paradigm of a sought-for “new architecture”, which, with its expressive modernity, still today embodies the great manifesto of its designer, the architect Artur Andrade.

A New Cinema Batalha

Alexandre Alves Costa
Sérgio Fernandez

This piece incorporates elements of a text originally published in 2017, wherever the facts remain correct and therefore unchangeable. In our view, wherever reality has already been sufficiently documented, it should not be an object of further creative speculation. Although we will cite our previous text,

we will not refer to it. Our central aim is to explain the choices involved in this project of ours.

The current Cinema Batalha opened on 3 June 1947.

Firstly, we will examine the cinema's significance in the social, cultural and architectural panorama of our city and country, beginning with a short history of the building's earlier incarnations.

Towards the end of the summer in Porto, 1906, any merchants or curious pedestrians passing by the Feira de São Miguel in Boavista—today home to the Rotunda—would have come across a vast, strange shack made of wood and covered in zinc, with a placard above the entrance reading: “Salão High-Life”. It was an early cinema.

Luís Neves Real, cited by Alves Costa, wrote:

The main rows of benches for commoners stood on bare earth. These were followed by a gallery of honour, with wooden rows marking out the area reserved for the “high-life” of Porto, who, like the high society of Paris, could hardly help but display their ecstasy at the wonderful sights offered to them by the firm Neves & Pascaud, at a cost of 130 reis per person.¹

After two months of regular business in Boavista, the *salão* moved to the Jardim da Cordoaria, where it stayed until 1908. At this point, it moved to its new premises in Praça da Batalha, with the new name Novo Salão High-Life.

Everyone, commoners and bourgeoisie, came together in their love and enthusiasm for film. For everyone, the cinema was a gateway to adventure, dream, escape, and to discovering new horizons and people. It was an intimate forum, a dark room in which spectators could identify with the heroes they themselves wanted to be, travel to fascinating worlds that they would never have reached in real life, or suffer from loves they would never actually experience.²

Forty years after the cinema opened in 1906, the building in Praça da Batalha was demolished to make way for a new Cinema Batalha. Artur Andrade was commissioned by the building's original owners to lead the project. The architect himself said the following about his work:

Cinema? Yes, cinema. Batalha's history goes back almost 40 years! The project,

26 working within legal requirements, was oriented as follows: modern, daring lines, of which I am a strong advocate. It couldn't be any other way —coming from me, someone who has always striven towards an architecture that could be called “of our time” but which has found little favour in this country, and has been little understood...³

The *Jornal de Notícias* referred to the cinema's opening as follows:

The opening session, “avant première”, a stellar affair, was attended by the crème de la crème of Porto, who wore ceremonial attire. Our finest families could be seen in the stalls, galleries and bar. Guests were welcomed by empresario António Neves. Crowds gathered for a long time in the square, admiring the dazzling effect of the new cinema's lights, truly sparkling. In the auditorium, in reserved seats, sat the civic authorities and military guests, the former in dinner jackets, the latter in uniform. Shortly after 10pm, the session began with a screening of Manuel de Oliveira's documentary Douro, Faina Fluvial.

During the interval, guests passed through the wide and brightly lit corridors, gathered in the bars, chatted and drank beverages in the large, pleasant and welcoming tea room. Around midnight, a screening of Sinfonia Pastoral began, adapted from a book by André Gide—that unusual and vigorous writer of whom France is so rightly proud.⁴

Indeed, the opening of the new cinema was celebrated with a festival of French cinema.

Luís Neves Real assumed responsibility for the new Cinema Batalha's programme. He left an indelible mark on the cinema culture of Porto and was a founding board member of the *Cine Clube do Porto* film club.⁵ During its difficult and uncertain early days, this cultural association was given much-needed access to Batalha's auditorium—initially for free and, later, in exceptional circumstances. The club went on to organise popular Sunday-morning screenings at the Teatro Águia d'Ouro.

Dr Neves Real, to whom we would like to pay a heartfelt tribute, belonged to a group of staff

19 Sérgio Fernandez, *Percurso: Portuguese Architecture (1930–1974)*. Porto: Edições da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 1988.

1 Henrique Alves Costa, *Os antepassados de alguns cinemas no Porto*, Lisboa, Instituto Português de Cinema/Cinemateca Nacional, 1975, p. 17.

2 Idem, p.19

3 “Artur Andrade fala-nos do Batalha. Esperamos agora o Sr. Batalha”. *A Tarde*, 23 de abril de 1945

4 *Jornal de Notícias*, 4 Junho 1947

5 Henrique Alves Costa, *op cit.* P.20

Batalha—Retrospectiva do Futuro

Publicado por / Published by Câmara Municipal do Porto Batalha Centro de Cinema	Depósito Legal / Legal Deposit XXXXXX/XX	Todos os direitos reservados. Esta obra não pode ser reproduzida, no todo ou em parte, por qualquer forma ou quaisquer meios eletrónicos, mecânicos ou outros, incluindo fotocópia, gravação magnética ou qualquer processo de armazenamento ou sistema de recuperação de informação, sem prévia autorização escrita da editora. / All rights reserved. No part of this publication may be printed or used in any form or by any means, including photocopying and recording, or any information or retrieval systems, without permission inwriting of the publisher.
Textos / Texts Alexandre Alves Costa Ana Alves Costa Guilherme Blanc Paula Parente Pinto Rui Moreira Sérgio C. Andrade Sergio Fernandez Sónia Moura	Agradecimentos / Acknowledgements Alexandre Pomar Helena Salazar Isabel Alves Laura Rodrigues Margarida Neves Mário Lino Pedro Lino Rodrigo Affreixo Tomás Valle Fernando Ermida Lúcia Almeida Matos Maria Antónia Sampaio Miguel Ribeiro	
Coordenação Editorial / Editorial Coordination Ana Alves Costa	Créditos de imagens / Image credits Arquivo Artur Andrade 1, 6–8, 11–14, 16–23, 42–44, 46 Arquivo da Família de Luís Neves Real 26–31, 38, 57–60 Arquivo Rodrigo Affreixo 38, 63 Atelier 15, arquitectura 34, 35, 36 Câmara Municipal do Porto/ Arquivo Histórico 2–5, 9, 10, 24, 25, 40, 43, 53–56 Paulo Cunha Martins 47 © João Lima, Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, Inv. no. 22.DES.1760 45 © João Menéres 15 © Júlio Pomar / SPA 2023 / Espólio Ernesto de Sousa 32, 33, 41, 48–52, 61, 62	Nesta publicação foi respeitada a ortografia adotada por cada um dos autores.
Gestão de Projeto / Project Management Ricardo Alves		
Design / Graphic Design Macedo Cannatà		
Tradução / Translation Joseph Owen		
Revisão / Proofreading Ishbel Tunnadine Patrick Langley		
Fotografia / Photography Filipa Brito/CM Porto Guilherme Costa Oliveira /CM Porto Paulo Cunha Martins		
Impressão / Printing Maiadouro		
Tiragem / Print Run 400		
ISBN 978-989-53311-7-8		
	© 2023 Município do Porto © das fotografias, textos e traduções: os autores, salvo menção contrária / © of works, photographs, texts and translations: the authors, unless otherwise mentioned	

Câmara Municipal do Porto / Porto City Council

Presidente/President
Rui Moreira

Batalha Centro de Cinema

Equipa Artística / Artistic Team	Produção / Production	Equipa Técnica / Technical Team
Diretor Artístico / Artistic Director Guilherme Blanc	Produtor Executivo / Executive Producer Hugo Ramos	Coordenador Técnico / Technical Manager Nuno Aragão
Curadora / Curator Ana David	Produtora / Producer Joana Galhardas	Projeccionista Sénior / Senior Projectionist Fernando Garcez
Assistente de Programação / Assistant Programmer Lídia Queirós	Frente de Casa e Bilheteira / Front of House and Ticket Office	Projeccionista / Projectionist José Miguel Pereira
Famílias/Cinema ao Redor/ Escolas / Families/ Neighbouring Cinema/Schools	Assistentes de Sala / Room Assistants Maria Inês Silva Susana Costa	Manutenção / Maintenance Vitor Costa
Programadora / Programmer Joana Canas Marques	Bilheteira / Ticket Office Rafael Ferreira	Colaborações / Collaborations
Mediadora e Arte-educadora / Mediator and Art Educator Sofia Lemos Marques	Comunicação / Communication Beatriz Pinto Ricardo Alves Sandra Mesquita	Design e Identidade Visual / Design and Visual Identity Macedo Cannatà
Biblioteca e Filmoteca / Library and Film Library Rodrigo Affreixo	Tradução e Legendagem / Subtitles and Translation Eva Magro Catarina Feiteira	Identidade Sonora / Sound Identity Favela Discos (Inês Castanheira, João Sarnadas)
Equipa Executiva / Executive Team		Design de Uniformes / Uniform Design Filipe Augusto
Diretora Executiva / Executive Director Salette Ramalho		Vídeo / Video Urgent Voice
Técnica de Gestão / Management Officer Simone Amorim		Fotografia / Photography Filipe Braga Paulo Cunha Martins
Assistente Administrativo / Administrative Assistant Fernando Ferreira		Tradução / Translation Joseph Owen Patrícia Azevedo da Silva
		Programação Web / Web Programming Bondhabits

Ágora—Cultura e Desporto do Porto, E.M.

Presidente do Conselho de Administração / Chairman of the Board of Directors Catarina Araújo	Direção de Serviços Jurídicos e de Contratação / Direction of Juridic Services and Recruitment	Direção de Comunicação e Imagem / Direction of Communication and Image
	Diretora / Director Jorge Pinto	Diretora / Diretor Bruno Malveira
Conselho de Administração / Boards of Directors César Navio Ester Gomes da Silva	Amanda Leite André Cruz Eunice Coelho Francisca Mota Filipa Faria Filipe Barbot Jorge Almeida Pedro Caimoto Leonor Mendes Luís Areias Márcia Teixeira Marta Silva Sofia Rebelo Tiago Abreu	Agostinho Ferraz Catarina Madruga Francisco Ferreira José Reis Pedro Sousa Rosário Seródio Rui Meireles Sara Oliveira
Secretariado da Administração / Secretariat Liliana Gonçalves		
Direção de Gestão de Pessoas, Organização e Sistemas de Informação / Direction of People Management, Organization and Information Systems		
Diretora / Director Sónia Cerqueira	Direção Financeira / Direction of Finance	
Cátia Ferreira Elisabete Martins Helena Vale Joana Ngola João Carvalhido Jorge Ferreira Madalena Peres Márcia Gonçalves Marta Lima Paulo Cardoso Paulo Moreira Ricardo Faria Ricardo Santos Sandra Pinheiro Suzete Coutinho Vânia Silva	Diretora / Director Rute Coutinho	Alexandra Espírito Santo Ana Rita Rodrigues Fernanda Reis Manuela Roque Mariana Vilela Sandra Ferreira Sérgio Sousa Sofia Barbosa Sónia Pinto

